Oi gente!

Fiquei emocionada quando me disseram que eu ia representar a familia do preso politíco no Comite de Anistia do RJ. A familia do preso politíco, a familia que sofreu e sofre a humilhação de nada poder fazer quando levam seus filhos para a prisão.Me senti pequena e humilhada até,quando levaram meus filhos e nãda pude fazer para impedir.São 9 para 10 anos a minha vivencia nas prisões do RJ. Amo esses presos que muito me ensinaram da vida.Aprendi muitas coisas boas... quando meus filhos ainda eram pequenos, li um livro que muito me impresinou: "Memórias de um Cárcere" de Graciliano Ramos.Nunca eu podia imaginar que ía viver aquele livro na vida de meus filhos.Sim, a Ilha Grande estava lá, com sua beleza selvagem, com seu presidio triste, esperando quem sabe, outros jovens brasileiros, que por sua ideologia tinham que ser isolados do mundo.Pucha! a ilha estava lá, igualzinhaa que Graciliano descreveu em seu livro. Antes pude também conhecer outra ilha que não sabia da existencia. A ilha das Flores... Um dia vieram bater a minha porta com um aviso. Seu genro está preso na ilha das flores, amanhã poderá ter visita. Pe nsei: será que devo ir? será verdade? minha filha tinha se casado em março e em abril meu genro foi preso. Mas como saber, se não indo lá? fui parar nas depedências da Marinha e lá me ensinaram que a ilha das flores ficava em Neves. Embarquei com outras pessoas que receberam aviso igual ao meu. O barco era pequeno, nós espremidos falando baixo de medo. Fomos recebidos pelo comandante da ilha. Ele segurava um chicote na mão e nos recebeu acompanhado de muitos cachorros policiais...a ilha era cercada de arame farpado por todos os lados, e por todos lados via-se cachorros amarrados esperando a ordem para avançar...Vi meu genro entre outros rapazes que tinham sido presos com ele, entre eles um irmão dele. Meu genro veio me abraçar muito pálido. Perguntei por minha filha e como estava ele. Disse estar todo doído de torturas , mas estava bem com a cabeça erguida. De minha filha ele não tinha noticia. Continuei visitando e dando assistência material e moral visto que ele não tinha família no Rio. Um dia para acalmá-lo resolvi pregar uma mentira dizendo a ele que minha filha tinha mandado notícias e que estava bem. Ele baixou a cabeça e disse: D. Inah, sua filha foi presa também, está aqui na ilha. Da minha garganta saiu um grito tão triste que os outros presos vieram me abraçar com pena e preocupação. Daquele dia em diante eu os amei como se todos tivessem nascido do meu ser. Não me deixaram ver minha filha naquele dia,eu soube pelos companheiros que ela estava sendo torturada. Não dormi naquelanoite.Odiei as mãos que estavam batendo na minha filha... no dia seguinte eu a vi e outras moças, uma tinha o braço engessado. Todas estavam abatidas e usavam calção de marinheiro.O calção era de brim azul e muito largo pois elas eram magrinhas. Se me perguntassem naquela ocasião quem eram aquelas moças eu diria: São as flores da ilha...porque naquela ilha as únicas flores que vi foram aquelas moças. Nossas visitas eram cheias de ameaças, minha filha dizia que o comandante vivia perguntando pelo irmão dela. Um dia um te-

nente vendo eu conversar com ela, ficou a escuta. Eu dizia que ia trazer um cinto para ela, pois o calção era muito e largo e parecia cair.O tenente ameaçador me disse: se a senhora encontrar sua filha enforcada vaidizer que suicidou, ou vai dizer que fui eu? Eu muito séria respondi. Minha filha, nasceu de mim, eu a conheço, o senhor não sei. Assim eram nossas visitas. Vi uma mulher ajoelhada no chão pedindo um soldado para ver a filha. Vi uma mulher tendo aborto no barco e sair enrolada numa toalha para um hospital. Muitas vezes não tinha barco e nos iámos numa prancha ou coisa parecida...Meu filho nessa época tinha 18 anos, para mim era ainda uma criança, mas a criança era só na minha imaginação, ele sofria, ele sentia falta da irmã. Ele queria vê-la e eu com meus cuidados e medo não deixava.Meu filho resolveu então ir para S. Paulo. Achei uma boa, pensava assim estar livrando o meu filho da perseguição dos homens...Meu genro foi transferido para a ilha das Cobras. Minha filha foi para São Judas de Tadeu.Conheci então a ilha das Çobras, um presidio dentro das pedras...dizem até que Tiradentes esteve lá. As paredes minando água, o frio e a tristeza, tudo junto.Nós preocupadas com a saúde dos rapazes.Mas eles foram fortes e resistiram ao frio , eles foram fortes.A prisão de São Judas ficava dentro da cidade, rua da Relação. O prédio era velho, lá habitava ratos e baratas...Minha filha usou um uniforme branco, era tratada igual as presas comuns.O julgamento não saía, meu filho voltou de S. Paulo e troxe com ele uma moça e me apresentou como sua noiva.Ela estava vivendo um drama igual ao nosso, o pai dela tinha sido preso em S. Paulo.Os dois resolveram fazer alguma coisa, me disseram que iam viajar. Vi que não adiantava pedir para eles ficarem. Eles estavam decididos. Senti que alguma coisa ia acontecer quanos vi partir. Não tive forças para impedir.Fiquei em casa sozinha esperando com presentimantoqque algo de ruím estava acontecendo. E não tinha televisão e não comprava jornais. De madrugada do outro dia, bateram a minha porta.Eram soldados com metralhadoras, invadiram a casa, mexeram em tudo e me levaram para o dpps de niterói sem nada me informar...Meu cachorro ficou preso dentro de casa, escondido debaixo da mesa como soubesse o perigo de aparecer.Um homem me levou para o Rio, no caminho fazia gracejos dizendo para eu me aconchegar perto dele para passar o frio, dizia que ía me levar para S. Paulo, mas me levou mesmo foi para a PE. Se me perguntarem como é esse lugar eu direi. É o inferno. Estive no inferno por 22 dias. Tiraram muitas fotografias, eu na chuva, eu tremendo de medo. Me levaram a diversas salas, sala roxa, sala fria,cela suja com colchão no chão sem fôrro. Vi muitas pessoas idosas com mãos levantadas para cima, soldados com metralhadoras apontando. Vi muitas mocinhas.Me perguntaram muitas coisas aos berros e muitos nomes feios...nada disso importava, eu só queria saber de meu filho. Só descobri que ele estava vivo, quando me perguntaram se Dr. Sussekind estava envolvido no sequestro do caravele. Fiquei então sabendo do sequestro.Me prometeram levar meu filho para o exterior se eu dissesse alguma fofoca de prisão, visto que eu visitava a minha filha, alguma informação que comprometesse outras pessoas... Como eu nada dissese que pudesse agradar aqueles homens rudes que queriam arrançar de mim qualquer coisa, disseram que eu ia mofar na prisão a pão e água.

Fiquei em cima de uma sala de tortura ou coisa parecida, eu ouvia barulho de todo geito, pareciam cabeças batendo nas paredes. A luz da cela ficava sempre acesa. Era sinal que de madrugada vinham buscar uma. Sempre que levavam uma mocinha ficava chorando, quando elas voltavam me contavam que foram torturadas com choques etc...eu ficava sempre esperando a minha vez, mas a mim eles estavam usando para impressionar meu filho...quando ele vinha da tortura eu o via jogado no chão da outra cela. Eu o via de uma janelinha da porta da cela que fiquei. A cela que ele ficou era de uma porta grande de ferro. De lá ele fazia sinal para mim, eu o mandava levantar. Trouxeram a mãe de minha nora de S. Paulo, me perguntaram se eu a conhecia. Eu disse que ela devia ser a mãe de minha nora, visto que elas se pareciam. Nós nos abraçamos chorando. Chorávamos pelos nossos filhos...

Vi um dia minha nora no corredor. ela parecia um monstro, o rosto inchado, cheio de hematomas. Ela me olhou com os olhos cheios de lágrimas. Eu disse baixinho. Não chore, é isso que eles estão querendo. Eu disse isso com um ódio tão grande, que não morri de ódio porque queria viver para ver essa gente um dia ser castigada...as mocinhas que ficavam presas ali perto de mim, as vezes íam logo embora, outras brincavam para me fazer rir, moças maravilhosas. Tive vontade de ser fortes igual a elas.

Depois de 16 dias, nos levaram para o Galeão. Fomos num camburão feichado. No Galeão tinha uma sala preparada a nossa espera. Soldados de metralhadora nos obrigaram a tirar a roupa e ficar nuas, em frentes a eles para serem examinadas. Um soldado preto, me lembro bem. Perguntou a uma das moças se ela era solteira. Depois fomos emcapuçadas, empurradas, rodando para não conhecer o caminho, jogadas enfim dentro de uma cela. Quando me tiraram o capuz, e eu me vi naquela cela fria e sem nada dentro, tive uma crise de choro. Chorei de raiva e de humilhação. Ouvia-se o roncar de aviões- cheguei perto da única janela que existia. Tinha canos de metralhadoras apontados para a janela... não compreendi ndda. O Coronel e um tenente que dirigiam o inquerito vieram me ver e perguntaram porque eu estava chorando. Eu reclamei daquela cena de despir as mocinhas em frente aos soldados, a mim não importava mais nada, eu queria era ver o meu filho. Se desculparam e disseram que foi um engano. Me levaram para ver meu filho. Ele e Fernando estavam juntos, a cela sem cama e sem nada. Ambos de cuecas. Me mandaram cama e uma companheira, uma moça que tinha ficado comigo na PE. Fiquei lá ainda 6 dias. Minha filha já em Bangu e meu genro na ilha Grand. Foram condenados. Fiquei então visitando: Bangu, Galeão e ilha Grande. Não coloco datas para resumir mais a minha história, o julgamento de meu filho foi depressa., ele não pode nem falar com seu advogado... Foi um julgamento de 3 jovens. Pois um foi morto no avião. Para 3 pessoas o quarteirão inteiro perto da Auditoria da Aeronáutica estava cercado de soldados com metralhadoras... Nós mães estavamos ali, sozinhas...como se não tivéssemos parentes, como se não tivéssemos amigos. Onde estavam nossos parentes? Onde estavam nossos amigos? O medo daqueles soldados armados, os afastou. O promotor estava lá com sua capa preta pedindo pena de morte. Parecendo até que ele era dono da vida. Quem é que tinha dado a vida a esses jovens? Um jornalista me perguntou o que eu pensava: eu disse: nós damos a vida e eles pedem a morte. Massacraram nossos filhos com penas bem grande, julgaram sem huma-

nidade... Minha nora foi para Bangu. ficou isolada das outras presas políticas, não podia ter contato com minha filha que ainda estava em Bangu. A mãe dela não pode visitá-la, ficou sem visita por muito tempo, um ano ou mais um pouco. Meu filho foi para a ilha grande... as visitas eram de 15 em 15 dias, nós familiáres não tinhamos dinheiro e o barco que conseguiamos com pescadores de Mangaratiba, ficava muito caro. Enfrentavamos sol e chuva, tempo bom, tempo ruím...ficamos conhecendo o que era vento sudoeste, ficamos conhecendo o que era solidariedade humana. Nós nos uniamos, nós juntavamos nossa dor, nossa humilhação e muitas vezes nos encostávamos uns nos outros para que nossos corpos se esquentasse e nós pudessemos aguentar aquela viagem...os presos sofriam o isolamento, sofriam quando nos viam chegar, cansados, abatidos cheios de bagagens, com uma revista humilhante e voltar logo em seguida, pois nossa viagem levava mais tempo do que o tempo que tinhamos para ficar com nossos presos. Meu filho resolveu se casar para minha nora poder receber minha visita. O pai dela foi banido do Brasil e a mãe e os irmãos foram encontrar com ele, pois aqui não se sentiam em segurança. Depois de uma greve de fome de 27 dias, nossos filhos conseguiram um presidio na Frei Caneca...Pucha! Como sofremos vendo nossos filhos quase mortos para arranjar um lugar melhor...Vieram para a Frei Caneca, muitos ja sairam em liberdade. Já se fala em reformas da Lei de segurança e meus filhos, isto é, minha nora e meu filho podem até sair em janeiro ou março...mas outros ainda vão ficar. Vamos lutar para que a liberdade seja para todos, que venha uma Anistia Ampla e irrestrita. Só assim então podemos ter uma pátria feliz... que os banidos voltem para sua terra, para que nossos mortos sejam sempre lembrados com amor.

Inah Meirelles de Souza

Niterói, 1 de novembro de 1978

Rio de Janeiro, 09 de Janeiro de 1978

Prezados Senhores

Lemos com preocupação e estranheza a notícia publicada no dia 4 de janeiro de 1978, na Folha de São Paulo, em que o Superintendente do Departamento do Sistema Penitenciário, DESIPE, Dr. Francisco Massa Filho, declarava: "A Secretaria de Justiça instaurou inquérito administrativo, ontem, para apurar as circunstâncias reais da fuga de quatro presos comuns do presídio Esmeraldino Bandeira, em Bangu, e a tentativa de evasão de quatro presas políticas do Instituto Penal Talavera Bruce, vizinho do primeiro. As ações foram simultâneas, mas só os presos comuns conseguiram consumá-la, enquanto as presas políticas foram detidas ainda no pátio ao tentarem galgar um muro de cerca de dez metros de altura".

Quanto às presas políticas tal fato é absolutamente inverídico, e isto pode ser facilmente constatado com uma visita às dependências onde elas vivem. Estamos muito preocupados, visto que o isolamento em que nossas familiares vivem as deixa expostas a que declarações como esta sejam divulgadas sem qualquer confirmação. Nos preocupamos ainda mais, porque sabemos que, por este mesmo isolamento, pode-se simular facilmente uma fuga, e as declarações, em vez de simples notícia enganosa, passem a significar concretamente uma tragédia.

Esta declaração não é um fato isolado, pois depois da greve de fome de 20 dias em que elas rivindicavam sua transferência para o Anexo Especial da Frei Caneca, justamente por se sentirem ameaçadas em sua segurança em Bangu, suas visitas têm sido sistematicamente limitadas, sem a menor explicação, e o isolamente em que viviam aumentado, o que pode se agravar agora, sob a falsa justificativa de ~~xxx~~ tentativa de fuga.

Pedimos que esta carta seja divulgada, e que seja feita uma sindi-

cância tanto pelas autoridades como por aqueles que se preocupam pelos Direitos Humanos, afim de que nossas familiares não sejam vítimas de mais uma arbitrariedade.

Agradecemos, atenciosamente

Lino de Sá Pereira
R. Paulo Cesar de Amdrade, 274/401